

PROJETO “MAPEANDO A NOITE – O UNIVERSO TRAVESTI”

MARTA BONOW RODRIGUES¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹*Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL – martabonow@gmail.com*

²*Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPEL – louise_alfonso@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Neste texto buscamos apresentar o projeto “Mapeando a Noite – O Universo Travesti¹”, bem como as atividades realizadas até o momento no âmbito deste projeto, tais como o grupo de estudos a respeito da temática e os primeiros resultados dos debates, de observações de campo e de entrevista realizada com uma pessoa vinculada ao universo estudado. O grupo de estudos conta com estudantes de graduação e pós-graduação da UFPEL, bem como docentes dessa instituição e membros externos.

O projeto busca entender o universo das travestis e, em um primeiro momento, os estudos estão voltados para as que trabalham com prostituição nas ruas da noite de Pelotas, especialmente as que fixam pontos na região do centro da cidade. A partir de entrevistas prévias, foi possível identificar redes de relações que serão, também, acompanhadas durante o trabalho.

Quando trabalhamos com as ruas, em espaços urbanos, é preciso compreender que há inúmeras abordagens para se pesquisar nesse ambiente, como por exemplo, compreender as polaridades entre norte/sul ou centro/bairros. Observar as ruas e os fenômenos urbanizadores é essencial para entender os movimentos que ocorrem nesses espaços, bem como a heterogeneidade de pessoas que os habitam (MAGNANI, 2014). Para acompanhar o universo das travestis, é necessário observar os espaços ocupados por elas e, assim, buscar entender como constroem suas identidades a partir desses espaços.

Outro elemento importante a ser ressaltado é a materialidade envolvida nesses processos de construções de identidades. Os objetos e artefatos utilizados pelas travestis fazem parte de um mundo material que permeia as relações sociais, dando sentido à vida cotidiana (THOMAS, 1999).

Partindo da premissa da complexidade que permeia as questões de construção de identidades, pretende-se, por meio desse projeto, compreender como as travestis entendem o seu trabalho; identificar as possíveis fronteiras entre trabalho e afeto, uma vez que esse universo abarca relações pessoais íntimas; mapear as áreas urbanas de atuação profissional; identificar os processos de territorialização que ocorrem no espaço urbano; compreender as escolhas e usos de vestimentas e acessórios atinentes ao trabalho (e fora dele), buscando, assim, identificar as relações humanos-objetos; gerar debates e reflexões sobre corporalidade; promover a valorização e visibilização da luta travesti por meio de eventos e ações que procurem minimizar os efeitos dos estigmas implicados tanto sobre as questões profissionais, quanto nas relações

¹Projeto vinculado ao GEEUR/UFPEL (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos) e teve seu início este ano. EQUIPE UFPEL: Discentes: Marta Bonow Rodrigues Amanda Winter, Amélia Teresinha Brum, Arantxa Sanches Silva da Silva, Fabrício Barreto, Guilherme Rodrigues de Rodrigues, Júlia Xavier, Lúcio Xavier Alves, Marcela dos Santos Dode, Maurício Albuquerque, Maysa Luana da Silva, Shirley dos Santos, Paola Brum, Vagner Barreto, Wagner Previtali.; Docentes: Louise Prado Alfonso (Coordenadora), Francisco Pereira Neto; Membros Não-UFPEL: Laura Nunes (Universidade Católica de Pelotas – UCPEL); Natália Megiato Cabral (Fitas Clipe Produtora)

de gênero. Assim, o projeto visa, para as/os participantes, além da aproximação com um grupo em processo de exclusão, incentivando a diminuição das barreiras que existem entre academia e comunidade, a produção de resultados advindos desses trabalhos de campo, tais como TCCs, dissertações, teses, etc.

2. METODOLOGIA

A metodologia a ser seguida se baseia nos conceitos da etnografia e está sendo, primeiramente, realizada revisão bibliográfica multidisciplinar sobre a temática, com encontros quinzenais para discussão de textos, filmes e áudios, além de outros materiais que abordem o tema.

A abordagem utilizada no projeto é multidisciplinar, pautada, especialmente, nas disciplinas de Antropologia e Arqueologia, atentando para as relações entre humanos e humanos/não-humanos e para olhares sobre a materialidade desse universo (mapas das ruas e trajetos; vestimentas e acessórios; construção do corpo, etc).

Entrevistas com travestis e outras pessoas de sua rede de relações estão sendo realizadas, bem como entrevistas com trabalhadores diversos das noites de Pelotas, tais como taxistas, proprietários e atendentes de bares, vigilantes noturnos. O objetivo dessas entrevistas é buscar compreender como ocorrem as movimentações e se constroem as relações sociais e de trabalho na noite da cidade. Para se entender o meio urbano, se faz necessário trabalhar em uma observação “de perto e de dentro”, presenciando os fenômenos sociais e acompanhando os processos cotidianos, os atores sociais, dialogando com eles em suas escolhas, arranjos e prática de suas vidas, sem restringir o foco da pesquisa (MAGNANI, 2014. p 58).

Ainda são feitas investigações nas áreas de mídias eletrônicas, utilização de métodos audiovisuais, pesquisas históricas e geográficas e utilização de conhecimentos arquitetônicos, com mapeamento da região em que as travestis trabalham para entender a ocupação dos espaços urbanos.

Ao longo dos trabalhos, são elaboradas ações participativas junto à comunidade em questão, a partir de suas próprias demandas. Essas ações estão sendo construídas conjuntamente entre universidade, estudantes, professoras/es, técnico em educação, profissionais colaboradoras/es e comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões no grupo de estudos estão divididas por temáticas e, para este ano, as leituras estão centradas em buscar entender a cidade e o espaço urbano; as compreensões sobre corpo, sexualidade e construções sociais de gênero, sobre como a sociedade impõe, questões prévias de determinação dos corpos, em homem e mulher; prostituição, saúde e violência; relações e afetividades.

Os textos têm sido acompanhados, em geral, com indicações de filmes, fictícios ou documentários que tenham sua temática relacionada à leitura para debate no encontro. Esses debates são sempre direcionados para entender o universo e preparar a equipe para os trabalhos de campo. É importante compreender que esse trabalho seja sempre relacional, com as relações sendo construídas conjuntamente com a comunidade, para que não haja uma invasão da academia e entendimentos errôneos e mesmo violentos para com as travestis. Além disso, tem-se procurado acompanhar os movimentos de minorias sexuais e

de gênero ao longo do tempo, tais como as relações entre movimentos feministas e movimentos gays e LGBTs, bem como as mudanças que eles sofrem se construindo e desconstruindo conforme as necessidades e anseios das populações.

Até o momento foram realizadas duas saídas de campo: uma, em agosto de 2015, para o entendimento das ruas de Pelotas, contando apenas com a participação da coordenadora do projeto e uma participante, realizada previamente ao início dos debates, como fonte de inspiração para o início das atividades; outra, em 19 de maio deste ano, já com uma equipe maior, contando com 15 pessoas no âmbito do projeto de extensão e observando as discussões feitas no grupo de estudos. As ruas pelas quais circulamos em ambos os campos são centrais e compreendem um espaço não muito amplo, demonstrando, claramente, que há um espaço específico para tal atividade.

Na primeira saída, foram feitos contatos com três travestis² que trabalham na prostituição da noite de Pelotas. Foi possível observar, já nesse primeiro contato, parte da rede envolvida nesse universo. Durante o caminhar nas ruas centrais da cidade, encontramos travestis que fazem alterações no corpo e outras que não alteram seu corpo biológico. Isso ocorre por questões financeiras (as intervenções cirúrgicas podem ser muito caras) ou por opção.

Algumas travestis andam sozinhas, enquanto outras se agrupam em pontos específicos, especialmente esquinas, pela visibilidade maior que se tem do espaço (tanto por parte das travestis, quanto por parte de possíveis clientes). Da mesma forma, algumas delas se juntam a mulheres (sexo biológico), também trabalhadoras da noite, enquanto outras permitem o acesso de apenas outras travestis em seus pontos. Isso ocorre por questões de manutenção de mercado de trabalho – em alguns casos, as mulheres (biológicas) não são concorrentes das travestis, portanto é permitido o agrupamento. Esses grupos, em geral, fortalecem um sentimento de segurança e de parceira ou mesmo amizades, já que o habitar a noite pode ser uma atividade solitária e permeada de violências.

No segundo campo, parte do grupo se propôs a caminhar pelas ruas noturnas do centro de Pelotas, buscando observar os diferentes elementos que se apresentam no meio urbano, muitos deles comumente invisibilizados pela sociedade. Um grupo grande não parece ser adequado para esse tipo de pesquisa, pois pode gerar desconforto da comunidade envolvida, uma vez que a atividade dessas travestis se caracteriza por tentar ser discreta quando se trata de algumas pessoas envolvidas nessas redes. Portanto, para esse campo, observou-se a cidade como um todo, as ruas, as edificações, a materialidade, moradores em condição de rua, indivíduos que trabalham no espaço público noturno, os cães que ora acompanham essas pessoas, ora seguiam a equipe do projeto durante o trajeto urbano, os veículos que se movimentam durante esse período, entre outros. Mesmo que, nessa saída a intenção não fosse conversar com as travestis, acabamos encontrando algumas de nossas interlocutoras e trocamos algumas informações.

Ainda, foi realizada uma importante entrevista com Geneci, a Doca, trabalhadora doméstica e mãe de uma travesti que ocupa as ruas noturnas pelotenses, Lorrana. Essa entrevista ocorreu em 12 de julho deste ano, e a maior parte da equipe estava presente. Doca narrou um pouco de sua história e de seu filho Bem-Hur, que começou a se travestir com 13 anos de idade e iniciou sua

² Utilizaremos a categoria êmica, pois as próprias entrevistadas se identificam socialmente como travestis. Não citaremos os nomes das interlocutoras, pois ainda estamos construindo relações e há entendimentos diferentes entre cada uma delas sobre suas identidades pessoais.

vida “na noite” aos 17 anos aproximadamente. Quando Ben-Hur passa a trabalhar nas ruas, começa a utilizar o nome de Lorrana. Doca costuma usar ambos os nomes, assim como utiliza tanto o tratamento masculino – ele – quanto o feminino – ela – quando se refere a Ben-Hur/Lorrana.

Segundo Doca, os espaços físicos e temporais são bem definidos: além de serem as ruas do centro as principais possibilitadoras para a atividade das travestis, há dias certos para cada uma delas e há uma territorialidade, com “donas e donas” de pontos, a quem as travestis e outras pessoas na mesma atividade, devem se reportar, inclusive no âmbito financeiro. Ela frisa, ainda, que a maioria das travestis, bem como outros indivíduos em mesma situação, residem em bairros distantes do centro, mas habitam as ruas centrais para desempenho de suas atividades.

Há uma constante preocupação dessa mãe com sua filha, pois apesar de essa vida ser “fácil”, pois permite acesso a dinheiro, drogas e bebida, é de extrema violência física e psicológica por todos os aspectos que a envolvem. A saúde é motivo, também, de preocupações diárias.

Com esses primeiros dados e análises podemos começar a estabelecer os vínculos necessários para compreender essa vida noturna e buscar atender as demandas dessa comunidade, além de ampliar as redes de interlocutoras/es e aprofundar o estudo, após um amadurecimento das discussões pelo grupo.

4. CONCLUSÕES

Ao desenvolver ações com grupos em processo de exclusão, como é o caso das travestis que trabalham nas ruas, propicia-se uma aproximação entre academia e comunidade, apresentando aos alunos formas para atender as demandas de grupos que, comumente, apresentam-se às margens da sociedade. O trabalho de extensão propicia o desenvolvimento profissional do aluno e, quando aborda temáticas ainda pouco exploradas, abre caminhos para novas pesquisas dentro da universidade.

Partindo da extensão, procura-se produzir ações que efetivamente tenham continuidades e busquem minimizar os problemas que envolvem o cotidiano das travestis, como preconceito de gênero e de atuação profissional (prostituição), entre outras questões que atingem diretamente o cotidiano dessas pessoas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. A metrópole sob o olhar do antropólogo. **Revista USP**, v. 102, p. 53-68, 2014.

THOMAS, Julian. A materialidade e o social. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, suplemento 3, 1999. pp. 15-20.